

AUGUSTO LA FERE

CARTAS  
PARA  
NINGUÉM



ARS VERBI

# **CARTAS PARA NINGUÉM**

AUGUSTO LA FERE

# **CARTAS PARA NINGUÉM**

Edição Digital

LAPA  
ARS VERBI  
2025

## Créditos

### **Cartas para Ninguém**

© 2018 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*™

Lapa, Paraná, Brasil

### **Edição Digital**

ISBN: 978-65-988750-6-0

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

“Há coisas que precisam ser ditas  
mesmo quando não há ninguém para  
ouvi-las.”

— *Clarice Lispector*

## Sumário

|                                         |    |
|-----------------------------------------|----|
| Introdução.....                         | 1  |
| Carta 1. Início Reconstituído.....      | 2  |
| Carta 2. Presença Inabitada.....        | 6  |
| Carta 3. Resto Doméstico.....           | 9  |
| Carta 4. Preexistência.....             | 12 |
| Carta 5. Transferência Obrigatória..... | 15 |
| Carta 6. Corpo Revisitado.....          | 18 |
| Carta 7. Comunicação Suspensa.....      | 21 |
| Carta 8. Resto de Rotina.....           | 23 |
| Carta 9. Habitáculo Silenciado.....     | 26 |
| Carta 10. Abstenção Acusatória.....     | 29 |
| Carta 11. Imagem Terminal.....          | 31 |
| Carta 12. Rito Residual.....            | 34 |
| Carta 13. Declínio da Voz.....          | 36 |
| Carta 14. Filiação Interrompida.....    | 38 |
| Carta 15. Retorno Recusado.....         | 41 |
| Carta 16. Identidade Omissiva.....      | 43 |
| Carta 17. Inventário de Perdas.....     | 45 |
| Carta 18. Destino Inexistente.....      | 47 |
| Carta 19. Objeto Devolvido.....         | 49 |
| Carta 20. Nome Eliminado.....           | 52 |
| Carta 21. Objeto Inquieto.....          | 54 |
| Carta 22. Lugar Nenhum.....             | 56 |
| Carta 23. Carta Rasgada.....            | 58 |
| Carta 24. Palavra Impossível.....       | 59 |
| Carta 25. Envelope em Branco.....       | 61 |
| Carta 26. Última Dobra.....             | 63 |
| Carta 27. Extinção Epistolar.....       | 65 |

## Introdução

Não há nome no envelope.

Não há data, endereço ou intenção de resposta.

Estas cartas não foram enviadas. Foram dobradas, uma a uma, como se o papel pudesse reter o peso de um gesto que não encontrou destino.

Quem escreve não procura eco. Não há súplica, nem lição, nem confissão.

Há apenas a insistência de uma escrita que continua — por ausência, por hábito, por resto.

Cada carta é um corpo que persiste — no silêncio, na falta, na linguagem.

Quem lê, se ler, encontrará fragmentos de um vínculo desfeito que, mesmo assim, permanece.

## Carta 1. Início Reconstituído

Dobrei a folha com cuidado. A dobra é o único gesto que ainda me obedece.

Não sei o que dizer — e talvez por isso mesmo eu diga.

Às vezes penso que esta primeira carta já veio escrita, em algum lugar do corpo, antes mesmo da decisão de escrevê-la.

Como se sempre houvesse um primeiro gesto adiado.

Não há nome no alto. Nem haverá.

Tampouco data, ou endereço.

Que essa ausência não se leia como negligência, mas como forma: forma de não supor reciprocidade, forma de não invadir, forma de não ferir.

Há dias em que o silêncio parece a única morada possível.

Outros, mais raros, me empurram a este tipo de fala — uma fala que não pede retorno, mas que insiste em permanecer, mesmo quando tudo o mais se retirou.

Esta manhã, ao abrir a janela, percebi que a luz já não entra como antes. Ela atravessa, mas não se deposita. Há diferença entre clarear e tocar. Nos últimos tempos, nada mais toca. As coisas iluminam, mas não aquecem.

Pensei muito antes de iniciar este arquivo de ausências. Pensei que seria melhor o apagamento completo: não guardar, não narrar, não nomear. Mas percebi que o silêncio não apaga — apenas encobre. E eu não quero mais cobrir nada.

Voltei à gaveta onde ficam os papéis antigos. Lá estavam vestígios do tempo: tuas palavras, restos de caligrafia, um bilhete com uma lista de compras escrita à pressa. Reconheci teu “d”, tua forma de abreviar “sábado”, o pequeno risco ao

final das frases — como quem sublinha o gesto de terminar.

Não li.

Basta saber que ainda estava ali.

Que não fui o único a deixar coisas por fazer.

O início que tento aqui não é retorno. Não simula reconexão. Não reinaugura o vínculo que se rompeu. É apenas a tentativa de reconstruir o lugar de onde partiu o silêncio. Habitar esse lugar. Reconstituí-lo com frases que não buscam perdão nem entendimento — apenas permanência.

Escrever, neste momento, não é elaborar. É resistir à dissolução. É impedir que tudo se torne um bloco indistinto de tempo. É demarcar, com frases, os contornos do que ainda resta: uma ausência com nome apagado, um gesto que não se cumpriu, uma presença que foi perdendo corpo.

Escrevo para que algo permaneça, mesmo que mínimo. Escrevo porque não sei mais guardar em mim o que não foi dito. Escrevo como

quem segura uma porta que já se fechou — não para abri-la, mas para não esquecer o som que fez ao se fechar.

Esta é a primeira carta. Não há destinatário. Só dobra. E um rastro.

## Carta 2. Presença Inabitada

A casa está cheia e vazia ao mesmo tempo. Cheia do que sobrou, vazia do que não volta.

Hoje andei por ela como quem percorre um lugar de partida, não de morada.

Nada mais convida à permanência. Os objetos, que um dia guardaram tua presença, agora retêm apenas o som do que se calou.

Há muito tempo deixei de me sentar no teu lado da mesa. A cadeira segue ali, como uma frase interrompida — mas já não carrega o gesto. Só o contorno do que foi.

Pensei em vender. Não por pressa, nem por rancor — mas por esvaziamento. A casa, que já foi abrigo, hoje me atravessa como um lugar estrangeiro. Não há mais gesto possível entre suas paredes — só o arrasto de dias que se repetem.

Decidi ficar com metade.

Metade do que sobrou.

Metade dos móveis, das roupas, dos livros, dos retratos.

O restante será doado, entregue, disperso — não como quem desfaz, mas como quem devolve ao mundo o que já não tem função.

Não é partilha.

É alívio.

Quero caber em menos. Levar apenas o que não me pesa. Ficar só com o necessário para que o silêncio não me consuma inteiro.

Hoje abri a gaveta dos teus documentos. Folheei sem procurar nada. Deixei que os papéis passassem entre os dedos. Tua letra surgiu num recibo antigo — inclinada, firme, precisa. Não chorei. Mas também não consegui guardar.

Há algo de definitivo em perceber que a casa já não nos reconhece. Como se os cantos tivessem

desaprendido nossos nomes. Como se as portas já não soubessem a quem devem se abrir.

Escrevo por isso. Não para te informar — tu não estás mais aqui. Escrevo porque é preciso nomear o gesto antes que ele se perca.

Vou vender a casa.

Vou sair com metade.

E o que não couber nessa metade, deixo.

Porque há um limite para o que se pode carregar de quem partiu. E eu já ultrapassei esse peso faz tempo.

### Carta 3. Resto Doméstico

O apartamento tem quatro cômodos. Cada um se tornou, aos poucos, um tipo de eco.

A sala foi a primeira a esvaziar.

Os teus porta-retratos desapareceram antes que eu notasse.

A almofada vermelha, o cachecol no encosto, o carregador na tomada — tudo se foi em silêncio.

Foste levando aos poucos.

Uma ida, outra.

Sem aviso.

Sem cerimônia.

Quando percebi, não restava mais nada teu à vista. Só o vazio não explicado de certos lugares.

Na cozinha, ficou uma xícara trincada e dois potes vazios.

Não havia mais teus temperos improvisados, nem teu costume de esquecer a chaleira no fogo.

Agora tudo está limpo demais.

A ordem virou forma de abandono.

A xícara, deixada no canto da pia, tem a borda lascada. Passei o dedo pela fissura: áspera, com um leve corte invisível. O som que faz ao tocar o pires é oco, rachado. Guardei-a sem lavar, como se a marca do teu lábio ainda estivesse ali — não como memória, mas como matéria.

O quarto permaneceu quase intacto.

A cama, ampla demais para um. O lençol esticado, sem dobras de outro corpo.

As roupas eram minhas. As tuas já não estavam ali. Levaste tudo contigo — ou quase tudo — para aquele quarto de pensão onde disseste que só ficarias “por enquanto”.

Não sei se ainda estás lá. Não perguntei. Não me disseste.

No armário, restava apenas um par de meias tuas. Enroladas como sempre deixavas. Peguei, segurei, e guardei na última gaveta sem pensar. Não por memória — por automatismo. Era só o que restava.

O quarto do computador continua igual. Teu silêncio nunca entrou ali. Nem tua voz. Foi o lugar onde aprendi a me ausentar mesmo estando perto. Nunca houve nada teu naquele espaço. E agora, não há mais nada meu também.

O que ficou no apartamento não é o que sobrou. É o que não partiu contigo. E eu não sei o que fazer com isso. Não há partilha. Só resto.

Estou deixando a metade que é leve. Ficando com o que não me pede explicação. E o que dói, que fique no rastro do que foste levando — sem ruído, sem promessa, sem volta.

## Carta 4. Preexistência

Antes de nós, havia o mesmo silêncio. Só que eu o chamava de rotina.

Acordava cedo, tomava café em pé, passava as horas entre frases mal escritas e tentativas de preencher o tempo.

Sempre vivi bem com pouco. Não por virtude, mas por inércia. Tinha aprendido a não esperar visitas, a não abrir espaço no armário, a não contar os dias.

A casa que habitei antes de ti era menor. Um cômodo e meio. Uma estante com livros, uma cadeira com o estofado gasto, e um colchão no chão que eu dobrava pela manhã como se fosse um hábito sagrado.

Ali não entrava ninguém.

Nem perguntas.

Nem promessas.

Só o ruído dos vizinhos e o rangido da porta quando o vento batia.

Lembro que, naquela época, eu fazia compras para um só. Escrevia para mim mesmo. Guardava os talheres em número ímpar. E, quando faltava luz, não sentia medo. Sentia um tipo de alívio: o mundo lá fora deixava de me cobrar presença.

Tu vieste depois — como quem entra num livro já escrito e muda o ritmo da frase. Não apagaste nada. Apenas ocupaste a linha seguinte. E, por um tempo, acreditei que isso bastava para redesenhar o início.

Mas agora percebo: a solidão nunca me deixou. Apenas se escondeu enquanto durava tua permanência. Como um móvel encostado no fundo do quarto, coberto por um pano leve. Estava ali, inteiro, só esperando o momento de voltar a ocupar seu lugar.

O que houve entre nós não foi construção. Foi interrupção. Foste o parêntese na frase longa de

um silêncio que já me escrevia antes. E agora que partiste, não estou despedaçado. Estou devolvido.

Não há ressentimento nisso. Há reconhecimento. O gesto de aceitar que o que fomos não nasceu do nada — nasceu do que já éramos, separados, antes mesmo de sabermos um do outro.

E é para lá que retorno. Não para recomeçar. Mas para continuar de onde fui interrompido.

## Carta 5. Transferência Obrigatória

Saí hoje.

Sem ritual.

Sem olhar para trás.

Deixei a chave sobre a bancada da cozinha — a única superfície ainda indiferente a tudo.

Fechei a porta sem ruído.

Evitei o último olhar.

A memória já era excessiva.

O apartamento ficou limpo. Quase nu. Levei o mínimo: dois sacos de roupas, a caneca branca, alguns livros. Não por desapego — por necessidade.

A metade prometida coube em menos. Mais do que isso faria a tua ausência pesar em duplicata.

A mudança não foi mudança. Foi transferência. Um deslocamento do corpo sem a mentira da reinvenção.

O novo endereço não importa. Outro cômodo. Outra rua. Outra parede. Mas tudo ainda carrega o cheiro do que foi deixado.

A parede é branca. A janela menor. O silêncio, o mesmo.

Hoje sentei no chão, entre as caixas abertas, e pensei em escrever. Não para continuar um diário — nunca foi isso. Mas porque o gesto ainda precisa acontecer. Enquanto escrevo, ainda me reconheço.

A caneca repousa no mesmo canto da pia. Os livros, empilhados, sem prateleira. Pensei em organizá-los pela ordem em que te conheci: os que lia quando chegaste, os que deixei de ler contigo por perto, os que tentei depois — sem conseguir.

Mas desisti.

A ordem não altera o vazio.

No novo endereço, não dei teu nome. Nem ao porteiro, nem na ficha. O mundo não precisa mais saber que estiveste. Só eu preciso. E só por enquanto.

Sair não foi libertação. Foi economia. Ficar custava demais. E já não havia o que pagar com afeto.

## Carta 6. Corpo Revisitado

Teu corpo não está mais aqui. Mas o espaço ainda sabe dele. O colchão cede do teu lado. Mesmo depois de tantos dias, persiste a marca leve da ausência. Durmo do outro lado, por hábito — ou por vergonha de atravessar o espaço que foi teu.

No box do banheiro, a parede guarda o contorno do teu vapor. Tu gostavas de banhos longos, mesmo nos dias quentes. A água correndo era teu refúgio — às vezes, tua resposta.

Eu ficava do lado de fora, fingindo não contar os minutos. Agora o espelho não embaça da mesma forma. E o som do chuveiro me parece estranho.

Recolhi teu último fio de cabelo no chão. Não guardei. Não cheirei. Apenas observei a curva, a leveza — o modo como permanecia ali, teimoso, inútil. Depois, varri.

O corpo parte, mas demora a ir embora. Fica nos objetos, nas dobras do lençol, no toque gasto do interruptor. Fica na posição das almofadas, na temperatura do copo que ainda seguraste. Fica nos objetos, nas dobras do lençol, no toque gasto do interruptor. Fica na posição das almofadas, na leve inclinação da cadeira onde costumavas sentar, na temperatura do copo que seguraste pela última vez — ainda morno por dentro, mesmo horas depois.

O lençol, mesmo lavado, ainda guarda uma quentura tênue. Um calor antigo, como brasa quase apagada. A cama me parece gelada do meu lado — não por ausência de corpo, mas por excesso de silêncio.

Há dias em que acordo com a sensação de que passaste por mim. Um arrepio breve, quase tolo. Mas longo o bastante para me fazer levantar e checar as portas.

Teu corpo era leve, mas ocupava tudo. Agora a casa é grande demais. Ou sou eu que me tornei pequeno depois da tua retirada.

Não sei quanto tempo leva para um espaço esquecer um corpo. Mas o meu ainda se lembra do teu. Não como desejo. Mas como resíduo.

Um vestígio lento. Uma ausência encarnada.

## Carta 7. Comunicação Suspensa

Desde que partiste, não houve palavra.

Nenhuma. Nenhuma mensagem fora de hora. Nenhum erro de envio. Nenhum sinal involuntário — ponto final onde não cabia, frase cortada, reticência mal posta.

Nada.

O silêncio é completo, e, curiosamente, funcional. Como se o que houve entre nós tivesse sido desativado por dentro, sem alarde. Ainda assim, houve dias em que olhei o celular mais vezes do que devia. Não por esperança — por hábito. O gesto da mão é anterior ao pensamento: desbloquear, deslizar, verificar — como se algo ainda pudesse acontecer por insistência mecânica.

Mas não veio nada.

E isso, agora, me parece justo.

A ausência de resposta não é negligência — é estílo. Foi assim que te apagaste: aos poucos, com cuidado, sem alarde.

Fechaste a porta sem bater.

Antes mesmo da tua partida, a fala já havia sido suspensa. As frases murcharam. Depois rairearam. Depois cessaram. Ficamos entregues ao som dos talheres, ao ranger da cadeira, ao barulho da água no filtro.

A casa falava por nós, até que também ela se calou.

Não me escrevas. Não por orgulho — mas porque já não sei o que fazer com a hipótese de retorno. Também não escrevo para chamar. Escrevo porque o gesto me sustenta.

O silêncio é teu.

Mas a escrita é minha.

E isso basta.

## Carta 8. Resto de Rotina

Voltei a trabalhar, não por melhora — por falta do que fazer.

A rotina parecia um abrigo possível, ou ao menos uma maneira de passar as horas sem olhar tanto para dentro.

Acordei, vesti qualquer roupa, saí sem pensar.

O trajeto é o mesmo. As mesmas esquinas, os mesmos rostos no ônibus.

Nada mudou — o que, de certa forma, me agradou. Como tudo pode seguir igual quando cá dentro está tudo em ruína?

Cheguei. Sentei à mesa. Liguei o computador.

Fiz o que devia ser feito: respondi e-mails, revisei um relatório, participei de uma conversa sobre prazos.

Ninguém perguntou nada.

Talvez tenha sido melhor assim.

Meu corpo cumpre os movimentos, mas há um atraso em mim — como se algo permanecesse parado e o resto apenas fingisse funcionar. Até os gestos pequenos me custam: assinar, imprimir, levantar da cadeira, sorrir. Sorrir, sobretudo.

Antes, o trabalho me ocupava. Agora, me desgasta.

Tudo exige mais do que devia: ouvir, falar, caminhar pelo corredor. Até o café parece mais amargo.

Hoje, na hora do almoço, fiquei sentado sozinho. Não quis comer. Abri o celular, rolei a tela sem foco — como quem busca não saber de nada. Voltei à mesa com um gosto seco na boca.

Saio do expediente como quem arrasta um corpo alheio. Não é cansaço. É esvaziamento.

Talvez, com o tempo, as coisas retomem o ritmo. Ou talvez não. Talvez isso agora seja o ritmo.

## Carta 9. Habitáculo Silenciado

O quarto é pequeno. A janela abre para um muro branco, sem vista, sem vento. Às vezes, uma sombra atravessa o retângulo de luz — alguém que passa no corredor ao lado.

Nunca sei quem é.

Não quero saber.

Trouxe a caneca branca, três camisas, alguns livros. Não organizei nada. As roupas continuam na mala, a caneca sobre a pia, os livros empilhados no chão. Ainda não me sinto autorizado a ocupar o espaço. Como se morar exigisse mais do que presença física.

O silêncio aqui é diferente. Na casa antiga, ele era espesso, compartilhado. Aqui, é oco. Sem registro anterior, sem ruído acumulado. Um silêncio novo, que não tem tua memória — e, por isso mesmo, me confronta.

A cama range.

O chuveiro pinga.

A geladeira geme durante a madrugada.

São sons mínimos — mas, em um lugar sem ninguém, tornam-se voz. E eu escuto tudo.

A primeira noite foi insone.

A segunda, fragmentada.

Na terceira, sonhei contigo — não com teu rosto, mas com o gesto de dobrar as tuas roupas.

Acordei cansado.

Não há quadros na parede. Nem tapete. Nem cheiro.

É só espaço.

Serve para dormir, aquecer um pouco de comida, sentar com o corpo curvado e tentar escrever estas linhas.

Às vezes penso que este lugar não é morada — é intervalo. Um ponto entre dois momentos que ainda não chegaram.

Mas sigo aqui.

Com a caneca, os livros, e o tempo.

## Carta 10. Abstenção Acusatória

O que mais me inquieta não é o silêncio — é a escolha de manter o silêncio.

Já não posso fingir que se trata de tempo, ou distância. É recusa. Escolha deliberada de não dizer nada, de não deixar vestígio, de não conceder sequer o gesto mínimo de um “recebido”.

Tenho certeza de que leste alguma destas cartas. Ou, ao menos, sabes que escrevo. Alguém deve ter dito. E mesmo que não saibas, tua ausência continua respondendo com precisão — uma negativa sutil, mas firme.

Não peço resposta. Nunca pedi. Mas há diferença entre não responder e recusar qualquer contato. Entre o esquecimento e o ato deliberado de manter o outro do lado de fora.

Nos últimos dias, venho alimentando um incômodo novo: não saber se teu silêncio é alívio,

punição ou indiferença. Nenhuma dessas opções me serve. Mas sei que não posso escolher.

O pior não é a falta de palavra. É a impossibilidade de perguntar. Não há canal. Não há brecha. Mesmo o gesto de buscar um sinal virou suspeita — como se a insistência denunciasse um erro antigo que desconheço, mas ainda pago.

Começo a crer que estou sendo mantido à margem com pleno conhecimento teu. Não por maldade, mas por método.

Tu sempre foste hábil em afastar sem parecer dura. Agora vejo que a suavidade era apenas outra forma de ausência.

Continuo escrevendo. Não por fé. Mas porque ainda não aprendi a parar. E porque teu silêncio, embora absoluto, já não me intimida. Fere-me — mas não me impede.

A ferida é o que ainda me dá corpo.

## Carta 11. Imagem Terminal

Há uma imagem tua que me persegue. Não é a melhor. Nem a mais bonita. É apenas a última.

Estavas de costas, encostada na moldura da porta, a mochila pendendo do ombro esquerdo, o cabelo preso com pressa, algumas roupas enroladas nos braços.

Não disseste nada naquele instante. Mas o corpo inteiro já falava.

Lembro do modo como teus olhos passaram pela sala — não como quem se despede, mas como quem confirma que não deixou nada para trás.

Foi um olhar breve, funcional. Tu sabias que aquela era a última vez. Eu, ainda não.

Desde então, essa imagem aparece quando não quero. Às vezes no espelho, às vezes enquanto esquento o jantar.

Não tem som.

Não tem fundo musical.

É seca — como a cena de um documentário cru.

Já sonhei com outras versões do teu rosto — algumas mais doces, outras inventadas. Mas essa imagem final sempre volta. E não muda. Não suaviza.

Há um momento que me fere mais: o instante em que ajustas a alça da mochila no ombro. É um gesto tão pequeno. Mas nele estava tudo: a firmeza da decisão, a pressa em sair, o fim aceito com naturalidade.

Essa imagem me impede de fantasiar reconciliações. Ela fixa a verdade: foste embora com o corpo todo. Sem hesitação. Sem cena.

Não me envergonho de guardar isso. Seria mais assustador se não lembrasse. Se a última ima-

gem fosse borrada — ou trocada por uma mentira confortável.

Prefiro assim.

Crua.

Firme.

Irreversível.

## Carta 12. Rito Residual

Mesmo aqui, onde tudo é diferente, sigo repetindo gestos que já não pertencem a lugar nenhum.

Acendo a luz da cozinha antes de entrar — embora o interruptor esteja do outro lado. A mão ainda procura o ponto antigo.

Hoje preparei duas fatias de pão. Não por fome — por reflexo. A segunda ficou sobre o prato até esfriar. Comi em silêncio, sem perceber. Só notei depois, ao lavar a louça.

Neste novo quarto, menor, sem marcas tuas, deixo a porta entreaberta ao dormir. Não por medo — por hábito. Tu costumavas pedir isso. Dizias que o quarto fechado te sufocava. Agora quem sufoca sou eu. Mas sigo abrindo a porta.

Teus gestos ficaram inscritos no meu corpo. E meu corpo agora os repete no vazio. Não como

homenagem. Nem como saudade. Apenas como o que restou.

Ainda dobro as camisetas como dobrava as tuas. Mesmo sem razão.

Ainda passo a mão sobre o travesseiro ao acordar — como se tu ainda ocupasses o lado esquerdo da cama.

Aqui, tudo é funcional. Nada nos lembra. Mas os rituais vieram comigo. E seguem se cumprindo, mesmo diante de paredes que nunca te viram.

A repetição não serve mais para te manter. Serve para me sustentar. O corpo repete o que já não tem sentido — porque o vazio pesa menos quando ritualizado.

## Carta 13. Declínio da Voz

Escrever tem exigido mais esforço. Não sei se é o tempo, o corpo, ou a falta de matéria. As frases custam a chegar. Os gestos que antes vinham naturalmente — dobrar o papel, escolher as palavras, assinar sem nome — agora pedem pausa.

Já não sei se digo algo novo. Talvez tenha começado a repetir. A memória ronda os mesmos lugares, os mesmos cômodos, os mesmos gestos. E, mesmo assim, continuo escrevendo.

Há noites em que olho a folha vazia como quem encara uma porta fechada. Outras, começo a escrever e interrompo no meio — não por emoção, mas por cansaço.

Não é dor. É desuso. Como uma mão que perde o jeito por não tocar mais em nada.

Tenho medo de que a escrita se torne ruído. De que o ato de insistir transforme o que era gesto em caricatura. Mas também temo o contrário: que o silêncio definitivo me engula — e que tudo aquilo que ainda pulsa, mesmo fraco, se perca sem palavra.

O que me resta é esse fio entre a desistência e o fôlego. Essa voz que falha, mas ainda tenta sustentar a letra. Mesmo sem saber o que diz. Mesmo falando apenas para não se calar de vez.

Talvez estas cartas estejam se esgotando. Não porque o assunto acabou — mas porque minha voz, aos poucos, cede.

Ainda assim, hoje escrevi.

Mesmo breve.

Mesmo fraco.

Ainda escrevi.

## Carta 14. Filiação Interrompida

Tu dizias, às vezes, que se algum dia quisesses um filho, seria comigo. Nunca foi proposta. Nem pedido. Era dito com aquela leveza que usavas para tocar o que sabias que não ia acontecer. Ainda assim, eu escutava em silêncio. Guardava a frase inteira — mesmo sabendo que ela não voltaria.

Eu já era pai. Sabias disso. Nunca foi segredo, mas tampouco um assunto nosso. Era como se essa parte da minha vida vivesse num cômodo fechado que tu respeitavas — sem curiosidade, sem recuo.

Lembro de uma tarde em que brincaste com o meu filho.

Ficavas séria, concentrada — como se precisasses entender aquele universo por dentro. Mas teus olhos te traíam. Sorrias sem abrir a boca. E ele,

do alto dos seus poucos anos, te recebeu como se já te conhecesse.

Fiquei te observando de longe. Por um instante, imaginei outra coisa: uma vida com espaço para mais alguém, um tempo diferente, um ritmo com interrupções, brinquedos espalhados, o som de passos menores pela casa.

Mas passou. A imagem durou pouco. O suficiente para saber que seria bonito — mas que não era.

Talvez tenhas sentido o mesmo. Ou talvez não. Nunca falamos sobre isso depois.

Hoje, quando lembro daquela frase — “se um dia eu quisesse...” — ela me parece um gesto completo. Porque em ti cabia o dom de encerrar promessas dentro da própria hipótese. Tu sabias dizer sem deixar dívida.

Não tivemos filho. Não por impossibilidade — mas por escolha. Ou por tempo.

Mesmo assim, levo comigo a forma como disseste aquilo. E o modo como seguraste a mão

do meu filho com delicadeza — sem intenção  
de durar.

## Carta 15. Retorno Recusado

Não espero mais tua volta. Não como quem desiste — mas como quem enfim entende.

Houve um tempo em que qualquer ruído no corredor me fazia levantar. Em que um número desconhecido me acelerava o peito. Em que o menor gesto do acaso se tornava sinal. Esse tempo passou.

Não houve promessa de retorno. Nem promessa de ausência. Foste embora como sempre fazias as coisas: sem anúncio, mas com precisão.

E eu, por um tempo, alimentei a ideia de que talvez tivesses deixado uma fresta. Agora sei que não. Fizeste um gesto inteiro. Teu silêncio não é espera. É recusa. E não me fere como antes.

Hoje o entendo como fidelidade à tua decisão. Tu não jogas com os restos. Não voltas para visitar ruínas.

Também não insisto mais. As cartas seguem — mas não como chamado. São vestígios. Sinais de que algo aconteceu, e ainda reverbera. Mas não pedem resposta. Não pedem devolução.

O que houve entre nós já não é presente. Tampouco futuro. É algo encerrado em si — como uma casa trancada que ninguém ocupa, mas que ainda mantém a luz acesa no corredor por dentro.

Não há retorno. E tudo bem. Algumas partidas são justas demais para serem desfeitas.

## Carta 16. Identidade Omissiva

Desde tua partida, há partes de mim que cessaram. Não de forma trágica — apenas se calaram, como uma lâmpada queimada que ninguém substitui.

Tu me chamavas por um nome que mais ninguém usava. Era uma forma tua de me existir. Curta, íntima, dita quase sem voz. Desde então, esse nome deixou de soar. E, com ele, algo em mim se recolheu.

Percebi que não era apenas o afeto que morava em nós — mas também a forma de estar no mundo. Um modo de sentar à mesa, de pentear o cabelo, de andar mais devagar pelos corredores. Coisas que só existiam porque tu olhavas. Agora esses gestos já não me reconhecem. Não sei mais se os faço ou apenas os simulo.

Havia objetos que eu mantinha por tua causa: um casaco que não combinava comigo, mas tu

gostavas; um perfume que só usava quando íamos sair. Tudo isso agora repousa em silêncio — não me pertence mais, mas também não pertence a ninguém.

Até as palavras perderam forma.

Algumas frases que eu usava contigo já não cabem em conversa alguma. Tu tinhas tua linguagem. E, sem tua escuta, essa linguagem se dissolveu.

Fico me perguntando quem sou, agora que não sou mais “aquele que estava contigo”. E a resposta não vem. Talvez porque esse alguém não tenha voltado a existir. Ou porque nunca existiu fora do intervalo que fomos.

Não sinto necessidade de me reinventar. Não quero recomeçar. Só desejo compreender, com calma, o que sobra quando o outro deixa de nomear quem somos.

Há uma identidade que só vive no espelho do vínculo. E, quando o espelho some, não é o rosto que se apaga — é o nome que fica sem voz.

## Carta 17. Inventário de Perdas

Esta carta é um inventário. Não de lembranças  
— mas de ausências.

Ficaram para trás:

- tua escova de dentes, levada no último dia;
- o som dos teus passos, que cessou sem despedida;
- a cadeira da sala, que já não range, porque ninguém mais se senta nela;
- os domingos com mercado e silêncio dividido;
- os filmes interrompidos, que agora assisto até o fim, sem te avisar;
- o hábito de comentar o tempo ao abrir a janela;
- as discussões pequenas, que hoje fazem falta pelo ruído que traziam;
- tua forma de fechar as portas: sempre com cuidado, como se nada devesse se perder;
- o nome que me davas — e que mais ninguém diz.

Perdi também:

- a pressa de voltar para casa;
- o cuidado com as roupas;
- o impulso de contar novidades;
- a leveza dos gestos distraídos;
- a necessidade de explicar os dias.

Tudo isso partiu contigo. Não porque me tiras-te — mas porque só existia no entre.

Não há revolta neste inventário. Só constatação. O que se perdeu não pode ser recuperado. E o que ficou, permanece com peso.

Talvez esse seja o fim de quase tudo: um acúmulo de ausências que já não tentamos preencher.

## Carta 18. Destino Inexistente

Não há mais rumo. E o mais estranho é perceber que isso já não me aflige.

Durante um tempo, tentei imaginar o depois — outra casa, outro afeto, outro gesto que fizesse sentido. Mas era esforço vazio. Como quem tenta lembrar um nome que nunca soube.

Hoje não penso mais em para onde vou. Nem com quem. Nem quando.

Caminho. Levanto, cumpro tarefas mínimas, pago contas, respondo com educação. Mas não há direção real. Só prolongamento.

O futuro, antes projetado como algo que nos aguardava, se tornou um lugar neutro. Um tempo que virá sem intenção. Sem promessa.

Contigo, ainda que tudo fosse incerto, havia um eixo. O futuro era um intervalo possível en-

tre dois corpos. Agora é apenas um calendário que avança.

Não faço planos. Não por tristeza — mas porque o gesto perdeu sentido. Organizar a vida é gesto de quem ainda espera compartilhá-la.

Estou só. E só se caminha — não se projeta. O que me move agora é apenas o dia seguinte. Não por esperança — por ritmo.

Não espero mudança.

Não espero retorno.

Não espero ninguém.

E é nesse não esperar que algo se estabiliza.

O destino já não existe. E isso, de algum modo, me devolve o presente.

## Carta 19. Objeto Devolvido

Hoje devolvi aquilo que restava.

Não era muito. Um caderno pequeno, de capa vermelha, com algumas páginas escritas à mão. Tu o deixaste sobre a estante, entre os livros que nunca leste.

Pensei em guardar.

Pensei em esquecer.

Pensei em ler.

Mas não fiz nada.

Até hoje.

Ao segurá-lo, senti o peso denso que pequenos objetos às vezes têm. Era leve — mas parecia conter mais do que devia. A capa, enrugada nas bordas, ainda exalava um cheiro antigo: papel

guardado por tempo demais, um fundo de poeira doce, talvez perfume seco.

Coloquei o caderno num envelope simples. Sem bilhete. Sem saudação. Apenas teu nome, escrito com calma.

Entreguei na portaria do endereço que ainda lembro de cabeça.

Disse apenas: “é para ela.”

E fui embora antes que me perguntassem qualquer coisa.

Não sei se o caderno tem importância. Talvez tenhas outros. Talvez nem lembres deste. Mas era o que me restava — não como lembrança, mas como presença. Algo teu que ainda ocupava espaço demais.

Devolver foi um modo de limpar a superfície. Um gesto mínimo, mas firme. Não por rancor. Mas porque carregar o que não me pertence mais cansa o corpo.

No caminho de volta, não senti alívio. Mas também não senti perda. A devolução não pesa. O que pesa é o que se guarda à força.

Agora o caderno voltou às tuas mãos — ou ao menos ao teu caminho. E com ele, talvez, o último traço de algo que entre nós ainda restava material.

Ficou só o que não cabe em envelope. Só o que não se devolve. Só o que escreve.

## Carta 20. Nome Eliminado

Já faz tempo que não escrevo teu nome.

Nem aqui.

Nem em nenhum lugar.

No início, evitava por cautela — como quem teme acender algo que não deve voltar.

Depois, por pudor. Parecia impróprio nomear alguém que já não escuta. Agora, simplesmente não vem.

Teu nome foi se apagando do gesto, como uma palavra que se sabe, mas já não se pronuncia. Não por esquecimento — mas por desuso.

Na boca, ele já não soa. Na mente, ainda aparece às vezes — mas fraco, como um eco distante, sem intenção.

Não me refiro a ti com ninguém. Não conto o que houve. Não uso pronomes. Falo de outra forma — ou não falo.

Eliminei teu nome sem cerimônia. Não houve rasura. Não houve queima. Apenas a decisão íntima de não repetir o que já não pertence à frase.

Mesmo assim, às vezes me surpreendo: ao escrever, ao pensar, ao lembrar — teu nome ainda existe na dobra, no silêncio entre duas palavras, no espaço que o papel ainda reconhece como teu.

Talvez nunca desapareça por completo. Mas já não precisa ser dito.

A ausência agora tem sua própria grafia. E ela não inclui teu nome.

## Carta 21. Objeto Inquieto

Há um objeto sobre a mesa que não consigo nomear. Não tem utilidade clara. Não é bonito, nem antigo, nem tem valor afetivo. Mas não o tiro do lugar.

Às vezes penso que ele representa o que sobrou: um corpo sem gesto, um gesto sem destino, uma matéria que persiste sem porquê.

Já tentei guardá-lo. Não coube em nenhuma gaveta. Já tentei jogá-lo fora. Mas algo em mim recolheu de volta.

Ele não fala. Mas também não se cala.

Parece que vibra em silêncio. Como se quisesse ser carta — mas sem papel. Como se fosse rascunho de um vínculo que não chegou a existir.

Observo-o à noite, antes de dormir. É quando mais se agita. Não por movimento real, mas

por presença. Há coisas que se impõem mesmo imóveis.

Não vou dar nome a esse objeto. Porque nomear seria fingir que sei o que ele é.

E já não sei.

Só sei que ele permanece.

Como eu.

## Carta 22. Lugar Nenhum

Hoje tentei imaginar um endereço para estas cartas. Não um endereço físico, mas um lugar possível onde elas pudessem repousar.

Nada apareceu.

Nem rua.

Nem caixa de correio.

Nem país.

A ausência de destino é total, e, curiosamente, serena.

Já não sofro com o não envio. Aceitei que algumas palavras nascem para ficar entre a mão e o papel.

Mesmo assim, às vezes sonho com um lugar fictício: uma casa de portas abertas, onde as cartas

chegam e se empilham sem lidas, como testemunhos de um gesto que não espera.

Mas acordo. E volto à dobra.

Estas cartas não caminham. Elas assentam. Ficam no entre — onde não há destinatário, nem devolução.

Ficam como eu: sem lugar.

## Carta 23. Carta Rasgada

Ontem comecei a escrever uma carta que não terminou. A folha ainda está sobre a mesa, com duas frases interrompidas e uma mancha de café no canto inferior.

Não sei o que ia dizer. A mão parou no meio da linha. O corpo não quis mais. Pensei em rasgar, mas algo me impediu.

O inacabado tem sua dignidade.

Há cartas que não se escrevem até o fim — não por desistência, mas porque o verbo já não alcança o gesto.

Deixei a folha onde estava. Não como aviso, nem como esboço. Apenas como ruína.

Às vezes é preciso deixar à vista o que não se cumpriu. Para lembrar que houve tentativa.

## Carta 24. Palavra Impossível

Há uma palavra que não escrevo.

Tentei várias vezes.

Ela me escapa.

Ou me fere.

Não é teu nome.

É anterior a isso.

Talvez seja “volta”.

Talvez “perdão”.

Talvez algo que nunca dissemos.

Sei apenas que toda vez que me aproximo, o papel enruga levemente, como se o próprio espaço recusasse.

Essa palavra me acompanha em silêncio. Às vezes me visita no limiar do sono, ou no intervalo entre duas tarefas inúteis.

É um som que não se faz som. É um traço que não se deixa formar.

Carrego essa palavra como quem carrega uma carta que jamais será enviada — porque falta o verbo certo para sustentá-la.

E talvez por isso eu siga escrevendo: para contornar o que nunca se diz.

## **Carta 25. Envelope em Branco**

Hoje dobrei uma folha em branco.

Sem texto.

Sem título.

Sem nada.

Apenas a dobra.

Como se o gesto bastasse. Como se o silêncio, finalmente, coubesse inteiro entre as bordas do papel.

Pensei em colocar num envelope. Escrever um nome inventado. Simular o envio.

Mas não fiz nada disso.

Deixei o envelope sobre a mesa.

Fechado.

Sem selo.

Sem inscrição.

Ele não irá a lugar algum.

Está pronto.

Às vezes, o que resta é só o preparo. Como quem arruma a mala mesmo sabendo que não há viagem.

O envelope está ali.

Branco.

Dócil.

E inútil.

Como eu.

## Carta 26. Última Dobra

Hoje fiz a última dobra.

Não sei explicar como sei que é a última. Mas sei.

Foi um gesto pequeno, contido, quase sem força.

A folha não resistiu. Curvou-se com facilidade. Como se também ela estivesse cansada de permanecer aberta.

Não escrevi nada novo. Não revisei as anteriores. Apenas dobrei — com o cuidado de quem embala algo que já se quebrou.

A dobra, agora, não é forma de envio.

É forma de repouso.

Esta carta não será lida. Nem procurada. Nem achada.

Mas existe. E isso basta.

Dobrei, e, pela primeira vez, deixei que o papel ficasse em silêncio.

## Carta 27. Extinção Epistolar

Deixo, sem assinatura, este rastro final. Não como encerramento — mas como cansaço. Já não há gesto inteiro em mim. Só resíduos.

O que segue não é carta. Nem chamado. Nem eco. É o resto do que fui enquanto escrevia. O que, mesmo falhando, ainda dobra o papel como quem deposita algo no vazio.

Deixo o que permanece após o fim:

- a dobra, que me obedecia;
- a ausência, que se fez matéria;
- o silêncio, que se assentou como chão;
- a escrita, que já não carrega nome, mas ainda carrega forma.

Não deixo lembrança.

Não deixo destino.

Não deixo pergunta.

Apenas isto: um corpo que tentou dizer até onde pôde — e que agora se retira do verbo sem fechar a porta.

Não haverá mais cartas. Mas talvez ainda reste a dobra.

Ou o papel.

Ou o gesto de abrir um envelope vazio, só para lembrar que um dia houve voz.

Não testamento — mas o quase dele. Não o que se deixa, mas o que cessa de insistir.

E isso basta.



## Nota Biográfica

*Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973)* é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*<sup>TM</sup>, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado* (2013), *Clown* (2014), *Cinza de Bronze* (2020), *Silêncio Alto* (2024) e *Antes que Derrubem* (2025). Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

## Colofão

Este livro foi escrito entre ausências.  
Não pediu resposta, nem nome, nem devo-  
lução.

Foi dobrado em silêncio,  
com a paciência de quem insiste no gesto  
mesmo quando ele já não serve.

Cada carta é um vestígio do que não vol-  
tou.

E mesmo sem destino,  
elas permanecem.

Porque há coisas que,  
não podendo ser ditas,  
ainda assim pedem forma.

—

